

Jornal da Unicamp

Pronex aprova mais nove projetos da Unicamp

Recursos captados desde o início do programa, implantado no ano passado, já atingem 12,8 milhões



Aluna de iniciação científica trabalha em laboratório onde se desenvolve projeto sobre caracterização de proteína

Nove grupos de pesquisa da Unicamp foram contemplados com um financiamento total de 6,3 milhões de reais pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério de Ciência e Tecnologia, no dia 26 de novembro último. Os projetos se concentram nas áreas de medicina, biologia, computação, economia, ciências humanas, matemática, química e jornalismo. O projeto que recebeu a maior soma de recursos, de aproximadamente 1 milhão de reais, está sediado na Faculdade de Ciências Médicas e se dedica à caracterização da proteína desacopladora de mitocôndrias de plantas. No ano passado, quando o programa entrou em operação, a Unicamp teve seis grandes projetos aprovados num total de 6,5 milhões de reais. Nesta segunda etapa, 85 projetos foram aprovados em todo o país, 36 dos quais sediados no Estado de São Paulo. **Página 3**

Tese analisa vulnerabilidade da economia

Em agosto, pesquisa antecipava queda mundial das bolsas de valores e evasão de divisas

Ao promover a abertura econômica no início da década de 90, diversos países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, encontraram no capital estrangeiro não só um meio para financiar o déficit externo mas também uma alternativa para afastar o fantasma da estagnação econômica. Em 1991, quando o governo brasileiro atraiu ao país os grandes investidores estrangeiros, os efeitos foram quase imediatos: o mercado de ações valorizou-se e os volumes negociados na bolsa aumentaram significativamente.

Porém, a relação de dependência estabelecida entre o mercado brasileiro e os grandes fluxos externos de capitais, apesar dos reflexos positivos da abertura financeira, sempre preocupou economistas nacionais, como a pesquisadora Daniela Magalhães Prates, da Unicamp.

Em agosto, Daniela apresentou no Instituto de Economia (IE) da Unicamp a dissertação de mestrado "Abertura financeira e vulnerabilidade externa: a economia brasileira na década de 90", com orientação do professor Ricardo de Medeiros Carneiro.

As previsões de Daniela foram quase proféticas. Em outubro, apenas dois meses depois da apresentação do trabalho, a queda mundial das bolsas de valores deixou explícita a vulnerabilidade da economia brasileira e sua dependência do capital estrangeiro.

Efeito contágio — Se o cidadão comum demorou a entender por que uma crise no leste asiático afetaria a economia brasileira, para a economista a situação era previsível. "Precisamos nos lembrar de que os investidores estrangeiros presentes no Brasil estão também no mercado de Nova Iorque ou Tailândia. Portanto, os efeitos negativos de uma crise em qualquer parte do mundo fatalmente seriam sentidos aqui", afirma a economista.

Segundo Daniela, a crise cambial em alguns países asiáticos acabou provocando o "efeito contágio", decorrente tanto do movimento de realização de lucros dos fundos de investimentos internacionais quanto do próprio pânico dos investidores.

"Os investidores preferem os mercados mais estáveis. Por isso, o volume de aplicações internacionais no mercado brasileiro ainda é pequeno se comparado a países



Daniela Prates: antevisão do "efeito contágio"

desenvolvidos. Temendo uma crise global provocada pela queda das bolsas no leste asiático, os investidores transferiram os investimentos feitos no mercado brasileiro para os países de economia forte", explica Daniela.

A economista acredita que a intensa valorização de ações das estatais brasileiras ao longo de 97 e a alta liquidez desses papéis tenham contribuído para a evasão dos investimentos estrangeiros no momento da crise. É que depois de obterem uma valorização muito grande de suas ações no Brasil,

os investidores optaram por remeter os lucros para mercados mais seguros, garantindo assim uma boa rentabilidade média.

"A evasão é perversa para o país. Diferente dos países desenvolvidos, o Brasil precisa desse financiamento externo. Assim, só restou mesmo ao governo brasileiro anunciar um pacote fiscal para tentar evitar o agravamento da crise e impedir os movimentos especulativos no mercado de câmbio", considera a economista.

Armadilha — Embora reco-

nheça a necessidade do pacote fiscal, Daniela acredita que o efeito das medidas econômicas anunciadas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso seja mais psicológico do que prático. Para a economista, a valorização do câmbio e o aumento das taxas de juros, por exemplo, constituem "armadilhas" para o próprio governo.

"Essas duas medidas, anunciadas como fundamentais para a redução do déficit externo, são, na realidade, garantias que o governo brasileiro dá aos investidores da estabilidade da taxa de câmbio. Como a estabilidade é fundamental para que não haja perdas para os investidores, o governo acredita que as medidas possam inibir a evasão do capital estrangeiro. O déficit externo, no entanto, não será eliminado", pondera.

A economista lembra ainda que a adoção de uma política industrial mais agressiva talvez fosse muito mais eficaz do que as medidas recém-anunciadas. "Melhorar a competitividade das indústrias nacionais e estimular os setores exportadores, por exemplo, reduziriam nossa dependência, tornando o Brasil menos vulnerável ao capital externo", defende. (M.T.S.)

OPINIÃO

Trinta anos de Engenharia na Unicamp

Hélio Waldman

Trinta anos é tempo suficientemente longo para que os conceitos de uma geração sejam renovados pelos da próxima. Se compararmos os referenciais da sociedade dos anos dourados com os de hoje, observamos mudanças consideráveis. Uma forma meio caricatural de considerar estas mudanças consiste em flagrar os motes de cada época. Toda época tem os seus motes, que os americanos chamam de *buzzwords*, ou seja, palavras-buzina, que são aquelas frases que ficam buzinando o tempo todo durante o debate de idéias, seja para estorvá-lo, seja para estabelecer referências doutrinárias de ação coletiva.

Nos anos 60 eram o Estado nacional como grande propulsor do desenvolvimento, o domínio da tecnologia como penhor da soberania e, para a universidade em especial, a excelência acadêmica aferida por uma comunidade internacional de pares. Hoje são a globalização, a supremacia do mercado, a competitividade, a qualidade aferida por esta figura meio tirânica, meio mítica do "cliente". No meio do século havia sido o desenvolvimento acelerado, simbolizado pela construção de Brasília e pela emergência de uma classe média motorizada. Antes ainda, na época da criação da USP, era a importância da cultura humanística universal, capaz de combinar a filosofia com as ciências e as letras, devidamente pilotadas por uma elite culta.

Dada a alta rotatividade com que as sociedades modernas trocam de motes, qualquer instituição que se deixe seduzir por eles estará fadada a ser ultrapassada numa fração de século. Entretanto, o mundo já conta com universidades de novecentos anos, ou seja, trinta vezes os nossos

trinta anos, que nem por isso deixaram de se manter atuais e atrair as gerações jovens em busca de saber. De alguma maneira estas instituições souberam se apegar a valores mais permanentes que os de cada época, sem deixar de estarem atentas aos dilemas e idiossincrasias de cada tempo. No limiar da nossa segunda geração, esse parece ser o desafio que nos espera.

Nos anos 60 e 70, algumas das empresas estatais que hoje caminham para a privatização estavam sendo organizadas para enfrentar grandes desafios tecnológicos. Para isso dispunham-se a contratar turmas inteiras de engenheiros recém-formados. Os alunos cursavam a Faculdade com expectativa de emprego certo e estável em carreiras de conteúdo técnico. O crescimento das empresas abria espaço para a especialização crescente dos profissionais de engenharia.

Hoje estamos constatando a inversão de várias destas tendências e perspectivas. A globalização e a privatização destroem a perspectiva de estabilidade das carreiras e até dos empregos. Para se valorizar neste ambiente instável, os profissionais procuram a empregabilidade em detrimento da carreira. O tamanho médio das empresas tende a cair com a terceirização e o uso intenso de meios informáticos, levando à

valorização de um profissional mais polivalente, menos especializado, mais especializável conforme a necessidade de cada momento. É claro que o sistema educacional não poderá ignorar estes novos referenciais das profissões, ainda que sem necessariamente sucumbir aos seus pressupostos. Uma boa reflexão sobre o passado, como a de hoje, talvez nos ajude neste intento.

Numa visão newtoniana do mundo, o passado gera pelo menos a po-

sição inicial e primeira derivada do futuro no seu instante inicial, que é agora. Parece portanto oportuno nos perguntarmos sobre os fatores decisivos desta jornada de trinta anos, sem os quais não teríamos chegado onde chegamos, no ritmo em que estamos chegando. Cito três que reputo fundamentais: o compromisso com o aluno, o estímulo à pesquisa, e a carreira docente.

Não é por acaso que a Unicamp combina o seu elevado prestígio acadêmico com as mais baixas taxas de evasão entre as universidades brasileiras. É porque aqui se tem levado a sério a formação dos alunos. Aqui se busca a constante renovação do currículo. O processo de ensino-aprendizado é avaliado com a participação de todos os envolvidos. Sem isso não estaríamos em lugar destacado no ranking dos melhores cursos do País. Nosso compromisso com o ensino é testemunhado pela presença assídua dos professores na sala de aula, nos laboratórios e em seus escritórios. De certa forma ele se reflete até em nossa escassa presença em outros lugares, como por exemplo nos gabinetes palacianos e suas ante-salas.

Por mais que nos dedicássemos ao ensino, porém, não teríamos atingido nosso nível atual se não tivéssemos nos lançado de corpo e alma à pesquisa e à pós-graduação. Sem elas não conseguiríamos permear o ensino com aquele espírito de indagação que dá vida ao método científico. Pesquisando, melhoramos o ensino, mantendo-o renovado e indagador. Ensinando, potencializamos a pesquisa pela incorporação de jovens mestrados e doutorandos ao esforço de investigação. De cada hora de trabalho, dedicamos uma ao ensino e uma à pesquisa: é o milagre da multiplicação de horas, segredo da dedicação integral à docência e pesquisa. Para aplicá-lo, é claro, é preciso entender de multiplicação. Se nos limitarmos a operar, pensar e agir aditivamente, seremos levados a conceber um falso antagonismo entre ensino e pesquisa, no qual ambos competiriam pelas preciosas horas do docente.

A mesma necessidade de saber multiplicar surge na hora de enten-

dermos o valor da carreira docente. Se os nossos fundadores, nos idos dos primeiros tempos, não tivessem tido a oportunidade de oferecer aos jovens docentes da época uma carreira estável, atraente, propícia ao crescimento na dedicação à pesquisa, teríamos pouco a comemorar hoje. Por isso, neste momento em que os meios de comunicação colocam o trabalho docente na berlinda, parece mais oportuno que nunca lembrar o valor destas formas robustas, estáveis, de relações de trabalho, sem embargo das distorções que elas

possam produzir quando mal administradas. Que estes trinta anos sejam usados para testemunhar o valor da carreira docente.

A carreira valorizada é boa para quem ensina e pesquisa, boa para quem recebe a sua formação, e boa para a sociedade que sustenta o processo educacional; e só contraria os que pretendem intermediar este processo em troca de um lucro fácil. A carreira é portanto eficiente, para usar um jargão da época. Esmiuçar esta eficiência envolve mais que uma simples contabilidade de custos e benefícios monetários. Acontece que a vida exige de nós que façamos algumas coisas por dinheiro e outras por amor, incluindo-se entre estas o mister do educador, segundo todas as teorias pedagógicas. Assim sendo, nada é mais eficiente que fazer algo por dinheiro e por amor ao mesmo tempo, como nos propicia a carreira docente. Mata-se dois coelhos com uma só cajadada, realizando e se realizando na dedicação integral à docência e pesquisa, e praticando novamente o milagre da multiplicação das horas e energias criativas. É por isso que defender a carreira docente, comprometendo-a cada vez mais com a formação dos alunos na busca permanente de novos conhecimentos, é a melhor maneira de assegurar que comemorações como esta possam se repetir no futuro com a mesma galhardia de hoje.

Hélio Waldman é professor e pesquisador da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da Unicamp. Este texto é um extrato de sua fala durante a sessão comemorativa dos 30 anos da FEEC e da Faculdade de Engenharia Mecânica, realizada no dia 22 de outubro último.



Não por acaso que a Unicamp combina o seu elevado prestígio acadêmico com as mais baixas taxas de evasão entre as universidades brasileiras

O Centro de compras de Galeria Flamboyant Barão Geraldo!

cd's - papelaria - esotéricos - importados - esportivos - perfumes - café
tratamento de pés - confecções - turismo - seguros. À SUA ESCOLHA!

Av. Albino J. B. de Oliveira, 830 - Barão Geraldo

UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

Reitor — José Martins Filho. **Vice-reitor** — André Maria Pompeu Villalobos. **Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários** — Archimedes Perez Filho. **Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário** — José Tadeu Jorge. **Pró-reitor de Pesquisa** — Carlos Henrique de Brito Cruz. **Pró-reitor de Graduação** — José Tomaz Vieira Pereira. **Pró-reitor de Pós-Graduação** — Carlos Alfredo Joly.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP — Telefones (019) 788-7865, 788-7183, 788-8404. Fax (019) 239-3848. **Home-page** — <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** — imprensa@obelix.unicamp.br. **Editor** — Eustáquio Gomes (MTb 10.734). **Subeditor** — Amarildo Carnicel (MTb 15.519). **Redatores** — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir Antônia Platano Peinado (MTb 16.413), Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473) e Roberto Costa (MTb 13.751). Colaboradores: Paulo César do Nascimento (MTb 14.812), Maristela Tesseroli Sano (MTb 22.135) e Maria do Carmo Pagani (MTb 17.631). **Fotografia** — Antoninho Marmo Perri (MTb 828). **Projeto Gráfico** — Amarildo Carnicel. **Ilustração** — Oséas de Magalhães. **Diagramação** — Roberto Costa, Dário Mendes Crispim e Hélio Costa Júnior. **Editoração Eletrônica** — Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior e Oséas de Magalhães. **Serviços Técnicos** — Clara Eli de Mello, Dulcinéia Ap. B. de Souza e Edson Lara de Almeida. **Fotolito e Impressão**: Imprensa Oficial.

O Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), através do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex), acaba de divulgar a aprovação de outros nove projetos de pesquisa realizados em oito unidades da Unicamp. A solenidade de assinatura dos contratos para liberação de verbas ocorreu no último dia 26, na Universidade de São Paulo (USP). Um convênio de parceria entre MCT, Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) permitiu o financiamento dos projetos aprovados com recursos da ordem de R\$ 6,3 milhões, que serão repassados aos respectivos coordenadores durante o desenvolvimento dos trabalhos. Em números absolutos, houve aumento real de 50% no montante de projetos aprovados pelo Pronex em relação ao anúncio anterior, quando a Unicamp teve seis grupos contemplados.

Os nove projetos da Unicamp estão distribuídos nas áreas de medicina, biologia, computação, economia, ciências humanas, matemática, química e jornalismo (ver quadro). O projeto que receberá a maior soma de recursos, R\$ 1,01 milhão, é sediado pela Faculdade de Ciências Médicas (FCM). O projeto encabeçado pelo Instituto de Computação (IC) recebe o segundo maior auxílio, equivalente a R\$ 921 mil. O Instituto de Química, embora receba recursos de R\$ 1,03 milhão, terá verba dividida entre dois projetos.

Criado para funcionar como fonte geradora de conhecimento científico-tecnológico de projetos relevantes para o país, o Pronex é um programa que estimula o trabalho de pesquisadores e técnicos altamente qualificados. Desde que foi instituído, no ano passado, o programa vem conferindo verbas a cada instituição beneficiária, que chegarão a R\$ 94 milhões, a serem destinadas aos articuladores das pesquisas até o ano 2000. Em uma primeira etapa, o Pronex contemplou 77 projetos. Desse total, seis pertencem à Unicamp e estão recebendo recursos de R\$ 6,5 milhões.

Nessa segunda etapa, foram aprovados 85 projetos em todo o Brasil. A região Sudeste, com 64 projetos aprovados, coube o financiamento de R\$ 47,3 milhões, dos quais apenas São Paulo, com 36 projetos, ficará com R\$ 27,2 milhões. No restante do país, a distribuição de recursos será de aproximadamente R\$ 10,3 milhões para a região Sul, de R\$ 3,2 milhões para a região Nordeste e de R\$ 1,8 milhão para a Centro-oeste. A região Norte não teve projeto aprovado.

A seguir uma breve apresentação dos novos projetos da Unicamp aprovados pelo Pronex.

Proteína

O projeto "Caracterização da proteína desacopladora de

mitocôndrias de plantas, Pump, e a sua possível relevância fisiológica no controle da produção de calor em plantas", é coordenado pelo professor Anibal Eugênio Vercesi, do Departamento de Patologia Clínica da Faculdade de Ciências Médicas. Com recursos de R\$ 1,01 milhão, o trabalho envolve a participação de pesquisadores das áreas de bioquímica básica, biologia molecular e físico-química e visa responder questões básicas e aplicadas sobre a caracterização estrutural e funcional de uma proteína de mitocôndrias de plantas (Pump). A prova da função termogênica da Pump fornecerá subsídios, em nível molecular, para compreender uma série de fenômenos biológicos inerentes ao reino vegetal, como germinação de sementes, quebra de dormência, amadurecimento de frutos, exalação de perfume pelas flores, entre outros.

Diabetes

Orientada pelo professor Antonio Boschero, do Instituto de Biologia (IB), a pesquisa "Alterações nos mecanismos de secreção e ação da insulina no diabetes mellitus: relações com nefropatias, dislipidemias e hipertensão" recebe financiamento de R\$ 810 mil. O ponto de convergência

do projeto é o diabetes *mellitus*. A pesquisa tem objetivos gerais que visam investigar a regulação da secreção, a ação da insulina em modelos animais de diabetes tipo II e diabetes secundário, e as complicações ou doenças agravantes que pioram o prognóstico do diabetes, como nefropatias, dislipidemias e hipertensão arterial.

Sistemas

O projeto "Sistemas avançados de informação (SAI)" é desenvolvido sob a coordenação do professor Tomasz Kowaltowski, do Instituto de Computação. Com recursos de R\$ 921 mil, o trabalho visa à produção de novas tecnologias de software, gerando técnicas e ferramentas para sistemas avançados, que em geral envolvem um grande volume de informações difíceis de serem modeladas adequadamente em bancos de dados convencionais. Aplicações típicas incluem sistemas de geoprocessamento, em especial na área agropecuária, compreendendo planejamento agroambiental, de operações agrícolas e agricultura de precisão.

Agricultura

"Agricultura no Brasil: si-

tuação atual e perspectivas" é o tema do projeto coordenado pelo professor José Graziano, do Instituto de Economia (IE). Esse projeto, que recebe do Pronex R\$ 558 mil, faz um balanço das contribuições dos pesquisadores do Núcleo de Economia Agrícola do IE sobre as transformações pelas quais vêm passando a agricultura e o meio rural brasileiro nas últimas duas décadas. Assim, o estudo pretende extrair orientações de políticas públicas para o setor, tendo como temas principais as questões de política agrícola, regional, agrária, meio ambiente e social.

Identidade nacional

O projeto intitulado "Cultura e diversidade no Brasil: para além da história da identidade nacional (séculos 19 e 20)" é coordenado pelo professor Sidney Chalhoub, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Com recursos de R\$ 744 mil, o projeto congrega uma série de temas que têm como eixo comum a questão da identidade nacional e a importância da diversidade cultural na constituição dessa identidade. O objetivo do projeto é a aquisição de uma grande quantidade de fontes para pesquisa histórica, principalmente periódicos do século 19

Pronex aprova nove projetos da Unicamp

Programa destina recursos da ordem de R\$ 6,3 milhões a trabalhos sediados em diferentes unidades de pesquisa

Isabel Gardenal

e 20, destinados ao Arquivo Edgard Leuenroth.

Equações

O trabalho "Equações diferenciais parciais não lineares" é coordenado pelo professor Djairo Guedes de Figueiredo, do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica. A pesquisa, com recursos de R\$ 500 mil, serve como suporte de interação científica e pesquisa para os matemáticos na área de equações diferenciais parciais. O projeto envolve sete universidades: Unicamp, Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de São Carlos.

Química de materiais

Contemplado com verba de R\$ 634 mil, o projeto "Química de materiais" é coordenado pelo professor Marco Aurélio de Paoli, do Instituto de Química. O objetivo da pesquisa é criar, caracterizar e modificar materiais porosos ou compostos funcionais. Esse trabalho será executado desde a concepção do material até um estágio em que possa decidir sobre as possibilidades do seu desenvolvimento, como produtos ou processos de interesse tecnológico.

Sólidos modificados

O projeto "Desenvolvimento de dispositivos de reconhecimento através de sólidos modificados", sob a coordenação do professor Yoshitaka Gushikem, do Instituto de Química, está contemplado com verba de R\$ 400 mil. O trabalho descreve espécies químicas suportadas sobre superfície de sólidos quimicamente modificados para construção de sensores químicos e de biosensores. Esses sensores são utilizados em análises químicas e clínicas.

Jornalismo

Coordenado pelo professor Eduardo Guimarães, o projeto "Núcleo de estudos em jornalismo científico", do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade, recebe R\$ 740 mil. O trabalho é voltado à relação do jornalismo científico com a produção de conhecimento em ciência e tecnologia. Para tratar dessa relação serão executadas atividades que descrevam o modo de presença do discurso da ciência e tecnologia, analisando o percurso institucional do conhecimento. Atenção específica será dada à articulação da mídia com o saber, de um lado, e com o ensino de outro. Para isso serão fundamentais a reflexão e o desenvolvimento da relação das ciências humanas e da comunicação com áreas exatas, experimentais e tecnológicas.

Novos projetos aprovados pelo Pronex

| UNIDADE | PROJETO | COORDENADOR | VALOR APROVADO |
|---------|--|------------------------|----------------|
| FCM | Caracterização da proteína desacopladora de mitocôndrias de plantas | Anibal Eugênio Vercesi | 1,01 milhão |
| IB | Alterações nos mecanismos de secreção e ação da insulina no diabetes mellitus | Antonio Boschero | 810 mil |
| IC | Sistemas avançados de informação - SAI | Tomasz Kowaltowski | 921 mil |
| IE | Agricultura no Brasil: situação atual e perspectivas | José Graziano | 558 mil |
| IFCH | Cultura e diversidade no Brasil | Sidney Chalhoub | 744 mil |
| IMECC | Equações diferenciais parciais não lineares | Djairo de Figueiredo | 500 mil |
| IQ | Química de materiais | Marco Aurélio De Paoli | 634 mil |
| IQ | Desenvolvimento de dispositivos de reconhecimento através de sólidos modificados | Yoshitaka Gushikem | 400 mil |
| Nudeari | Núcleo de estudos em jornalismo científico | Eduardo Guimarães | 740 mil |

PESQUISA

Centro viabiliza produção de medicamento

Trabalho realizado pelo CPQBA identifica quatro alternativas seguras e eficazes para o tratamento da malária

Após oito anos de análises, testes e experimentos uma equipe de pesquisadores do CPQBA (Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas) conseguiu viabilizar a produção da artemisinina I, uma das drogas mais eficazes no combate à malária. Baseados em dados de literatura e testes de laboratórios, os profissionais também sintetizaram três derivados da substância. Os compostos arteméter, arteéter e o artesunato de sódio são alternativas para o tratamento da doença, que a cada ano registra 500 mil casos no Brasil, levando cerca de dez mil pessoas a óbito.

Outro grande desafio vencido pelos pesquisadores do Projeto Artemisia, foi a redução nos custos para a produção da droga. Inicialmente com o valor estimado em 10 reais o grama, o custo de produção caiu para apenas R\$ 0,50 com a adoção de novas metodologias de extração e purificação. Desta forma os pesquisadores buscam, no momento, promover parcerias com a indústria para a fabricação do medicamento em larga escala.

Segundo a química Mary Ann Foglio, uma das coordenadoras do projeto, até se chegar ao produto final a tarefa não foi

fácil. Muitos foram os obstáculos para alcançar o *know-how* que só a China detinha para a produção do remédio. O primeiro deles foi conseguir extrair da planta *Artemisia annua* os teores de princípio ativo semelhantes aos obtidos pelos chineses.

Aclimação — Para tornar o processo viável, o CPQBA aclimatou um híbrido da espécie, pois a artemisia é cultivada somente em países de clima temperado. Nesta etapa do trabalho, o resultado positivo foi alcançado graças a um processo de melhoramento genético, com o objetivo de encontrar variedades para a produção da artemisinina em maior quantidade, afirma Mary Ann. "Isto porque o florescimento da planta em clima temperado é bastante lento, o que aumenta os teores de princípio ativo", explica a especialista.

Paralelamente a esses estudos, a Divisão de Fitoquímica do CPQBA passou a monitorar o teor de princípio ativo em cada etapa do trabalho, pois era necessário encontrar uma técnica que permitisse o florescimento da planta de forma lenta. Somente após atingir índices consideráveis dos teores foi possível viabilizar a próxima fase do processo, que consistia no desenvolvimento de uma metodologia para a extração, isolamento e



Mary Ann, Vera Lúcia e João Ernesto: princípio ativo semelhante ao obtido pelos chineses

purificação da substância. "Diversos métodos e fórmulas foram testados até se obter os resultados atuais", comenta a química Vera Lúcia Garcia Rehder, pesquisadora do Projeto Artemisia.

Derivados — Quanto à obtenção dos derivados arteméter, arteéter e artesunato de sódio, segundo o biomédico João Ernesto de Carvalho, coordena-

dor do Laboratório de Ensaios Biológicos do CPQBA, suas vantagens estão justamente nas diferentes formas de aplicação. Os dois primeiros podem ser administrados na forma endovenosa e o último intramuscular. Essas formas de administração permitem o estabelecimento e controle dos níveis plasmáticos adequados para o tratamento.

Em junho deste ano, uma vez

concluída a pesquisa, a equipe se empenhou em otimizar todo o processo na tentativa de reduzir os custos de produção do medicamento. Para isto, explica Vera Lúcia, testamos novamente as técnicas de purificação, utilizando solventes mais baratos e desenvolvendo uma metodologia mais simples. Isso resultou positivamente na redução dos custos de produção. (R.C.S.)

ENERGIA

Pesquisa da FEEC é premiada na Argentina

Equipamento quantifica incômodo visual por cintilações que podem causar até crise de epilepsia

Roberto Costa

Enquanto as empresas de distribuição de energia elétrica no Brasil se preparam para enfrentar a privatização, a exemplo do que já vem ocorrendo em outros países, o setor elétrico começa a se adequar às novas exigências do mercado. Para se tornar competitivo, o produto energia elétrica precisa apresentar padrões de qualidade que atendam às exigências dos consumidores. Com a utilização doméstica de equipamentos sensíveis, tais como microcomputadores, aparelhos de fax, som e imagem digitais, é importante tanto garantir a continuidade do fornecimento da energia como também a imunidade a qualquer perturbação na tensão de alimentação dessas cargas.

Um equipamento desenvolvido na Unicamp e premiado recentemente em um congresso internacional realizado na Argentina vem colaborar para a avaliação dessa qualidade. O professor Sigmar Maurer Deckmann, da Faculdade de En-

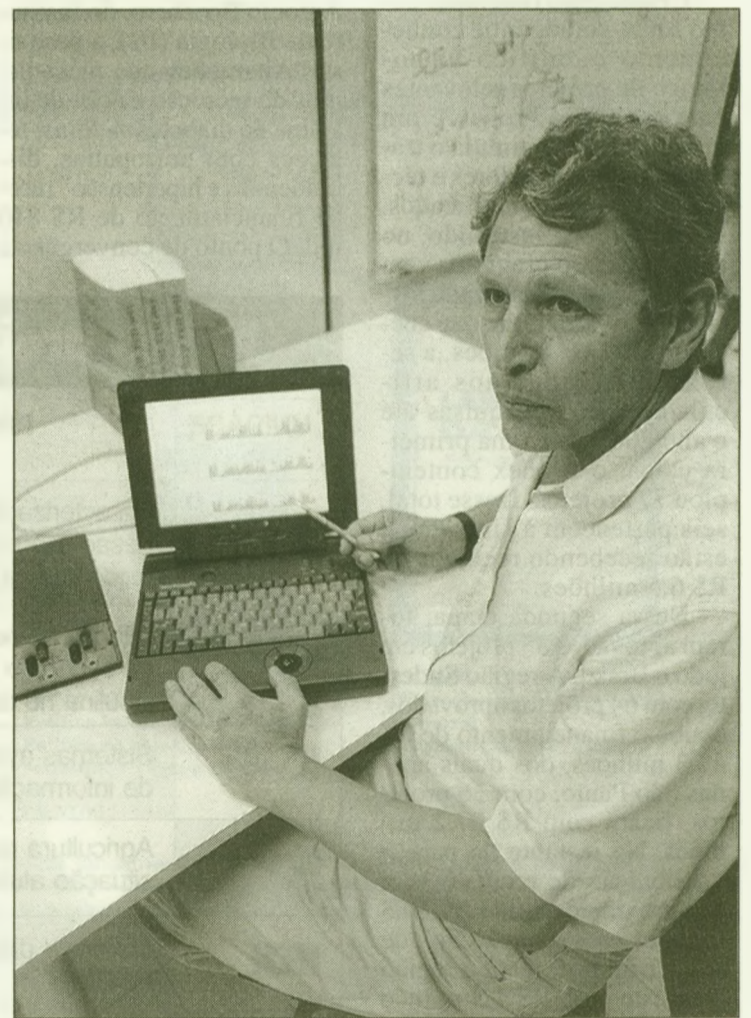
genharia Elétrica e de Computação (FEEC), desenvolveu um analisador da cintilação provocada pelas flutuações da tensão, já em uso há alguns anos em ensaios de campo pela Cemig (Companhia Energética de Minas Gerais) e pela Eletropaulo.

Até o início dos anos 80, o Brasil não tinha grandes problemas relacionados com flutuações da tensão. Com a crise do petróleo, a indústria passou a utilizar a energia elétrica em grande escala na produção de aço, alumínio e outros materiais. A partir daí as cargas industriais do tipo fornos de arco passaram a impor severas perturbações ao sistema elétrico, devido à irregularidade da corrente absorvida. Para quantificar os impactos causados por essas cargas variáveis de grande porte, a Cemig e a Eletropaulo buscaram o apoio da Unicamp para desenvolver instrumentos de medição e análise. O professor Sigmar, que trabalha nessa área há mais de 10 anos, lembra que inicialmente foi desenvolvido um sistema analógico-digital, monofásico e com processador de 8 bits. A versão mais recente, trifásica, digi-

tal e com processador de 16 bits, foi premiada na Bienal da Indústria Elétrica e Luminotécnica realizada em Buenos Aires, no início de outubro.

O novo equipamento é acoplável a um *notebook* e pode ser programado para medições contínuas durante até uma semana. Os sinais de tensão são processados em tempo real e os resultados armazenados pelo microcomputador em intervalos de 10 minutos, conforme recomendação internacional. A norma relativa ao fenômeno da cintilação se baseia na sensibilidade do olho humano às variações da luminosidade emitida por uma lâmpada padrão submetida a variações da tensão de alimentação. A monitoração desse fenômeno torna-se importante quando se constata que flutuações de apenas 0,2% do nível da tensão são percebidas pelo olho humano e que a persistência pode causar desde incômodo visual, cansaço e irritação até disfunções do sistema nervoso central (crises de epilepsia em pessoas susceptíveis).

O acompanhamento do nível de perturbação causado pela cintilação, além de proteger os



Sigmar: reduzir custos e produzir em escala industrial

indivíduos contra seus efeitos, também ajuda a diagnosticar possíveis fontes de distúrbios elétricos na rede e prevenir maiores danos em equipamentos sensíveis às variações da tensão junto aos consumidores. Um dos desafios, de acordo com o professor Sigmar, é reduzir os custos de produção do equipamento para que as empresas e indústrias passem a utilizá-lo na

monitoração de suas cargas variáveis, evitando assim que a deterioração da tensão se propague pela rede, afetando outros consumidores próximos. A continuação da pesquisa, que conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), busca ampliar o elenco de distúrbios que podem ser detectados e analisados pelo equipamento.

MERCADO

Consumo de cimento volta a crescer no país

Depois da crise de 1984, quando a ociosidade do setor chegou a 70%, a estabilidade da economia garante sustentação às empresas

Depois de investir US\$ 3,4 bilhões por conta da previsão de que haveria, em 1985, déficit de 12 milhões de toneladas de cimento, a poderosa indústria cimenteira nacional teve de enfrentar um longo período de estagnação motivado pela suspensão das grandes obras de infra-estrutura empreendidas pelo governo desde os anos 70 e pela falência do Banco Nacional de Habitação. O novo quadro, que começou a ser delineado no início da década de 80, levou o segmento a uma situação de mercado altamente desfavorável, que elevou a ociosidade de algumas empresas a 70% em 1984.

A falta de uma política de habitação e o alto custo dos financiamentos impediram que o setor da construção civil se constituísse em sustentáculo do consumo de cimento no Brasil. A partir da implementação dos planos de estabilização econômica, que num primeiro momento aparentavam ser mais um entrave para o setor, já que os preços do cimento foram congelados, o perfil do consumidor do produto foi alterado, garantindo susten-

tação ao mercado.

A análise integra a dissertação de mestrado "Estudo do consumo de cimento no Brasil no período 1980-1995", elaborada pelo geólogo Júlio César Recuero e orientada pelo professor Saul Suslik, do Instituto de Geociências da Unicamp. O estudo teve como objetivo desenvolver um modelo exploratório do consumo de cimento que permitisse avaliar e prever o consumo de agregados, como pedra britada e areia, negociados por um número considerável de empresas de pequeno porte e de difícil acompanhamento e fiscalização.

Acostumados às vendas em grandes quantidades, os fabricantes de cimento, ao notarem o surgimento do consumidor "formiga" que aproveitava a estabilidade da moeda para realizar pequenas reformas, ampliações ou pequenas moradias, passaram a incentivar formas de construção mais baratas. Paralelamente, se preocuparam também em distribuir folhetos de orientação sobre como construir, fomentando, de certa forma, a autoconstrução no país.

Modelo de distribuição — Como exemplos da intensidade

da autoconstrução, o pesquisador aponta levantamentos aerofotográficos realizados recentemente por administrações municipais de Campinas e Sumaré, com a finalidade de emitir os carnês do Imposto Predial e Territorial Urbano. Nestas operações, diz Júlio César, o percentual constatado de edificações clandestinas esteve ao redor de 30%. "O construtor que surgiu à revelia das regras municipais muitas vezes sequer sabe da necessidade de liberação de plantas ou de critérios para construções adotados nos municípios", explica.

A mudança de consumidor, forçou também alterações na forma de distribuição e no acondicionamento do produto. O cimento vendido em sacas de 50 quilos predominou como modelo de embalagem preferencial. Atualmente 80% das vendas no segmento têm este tipo de embalagem. A distribuição do produto, não mais diretamente aos grandes construtores, mas por meio de revendedores, passou também a ser mais intensa. Nos Estados Unidos, lembra Júlio César, 70% do volume de cimento é comercializado com as concreteiras. "No Brasil o mesmo percentual tem sido adqui-



Júlio César: novos investimentos e aumento da produção

rido pelo consumidor-formiga", compara.

A pesquisa ressaltou também interações entre o pequeno consumidor e as regras ditadas pela economia durante os 15 anos estudados, entre elas a interferência dos juros praticados no mercado financeiro e o consumo de cimento. Em períodos de juros atrativos e com inflação elevada, o setor enfrentou baixa demanda, que caracterizou a preferência do consumidor pelas remunerações do mercado financeiro ou até mesmo pela rentabilidade da caderneta de poupança.

"Com o confisco dos recursos depositados em bancos, implementado pelo Plano Collor, em 1990, a desconfiança em relação ao sistema financeiro nacional elevou as vendas da indústria de cimento para 27,3 milhões de toneladas naquele ano, superando pela primeira vez os

26,9 milhões de toneladas consumidos em 1980, antes do início da crise no consumo", diz o pesquisador.

Entre os aspectos econômicos que interferiram no comportamento da demanda de cimento, o pesquisador destaca também a taxa de desocupação no mercado de trabalho e o índice de custo da construção civil.

Com base no desempenho do mercado durante o período estudado, o trabalho sugere a realização de novos investimentos para ampliar a capacidade de produção. Outro aspecto relevante que deve ser observado pelas indústrias do segmento, de acordo com Júlio César, é a possibilidade de importação de cimento se tornar mais atrativa do que o redimensionamento da produção atual. (M.C.P.)

LIXO RECICLÁVEL

Estudo critica método usado em armazenagem

Transporte alternativo e parceria com "catadores" podem organizar e aperfeiçoar o sistema no Brasil

Impulsionada pelo hábito consumista da população urbana, a coleta seletiva de material reciclável implantada em diversos municípios brasileiros tem deixado de ser simplesmente uma alternativa ecologicamente correta para a destinação da sucata e se tornou necessidade, em especial, nas grandes cidades.

Ao mesmo tempo em que implementam a coleta seletiva, porém, os municípios, em grande parte, não se preocupam em estabelecer ações de nível organizacional para direcionar todos os mecanismos que envolvem a reciclagem, desde a coleta nas portas das residências ou nos postos de entrega voluntária (containers) até a remessa do material para os depósitos, aos beneficiadores ou às indústrias que se encarregarão da transformação do material.

Faltam também aos municípios equipamentos capazes de permitir que a segregação do material efetuada na fonte geradora seja mantida, o que dificulta sua remessa para o comprador específico. O ideal seria manter a separação dos

recicláveis praticada nas residências e que sua coleta obedecesse as características de cada um deles. Dessa forma o recolhimento da sucata ocorreria em dias alternados e em veículos específicos para cada tipo de material

O atual modelo de armazenamento dos recicláveis coletados, revela a engenheira sanitária Solange Alboreda, contribui para o encarecimento de todo o sistema de reciclagem. Em sua dissertação de mestrado "Armazenamento de materiais recicláveis provenientes da coleta seletiva", orientada pela professora Eglé Novaes Teixeira, da Faculdade de Engenharia Civil da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Solange aponta também o atual modelo de transporte da sucata coletada como um dos pontos críticos do sistema.

Transporte alternativo — O transporte rodoviário, forma usual para o deslocamento da sucata desde os pontos de armazenamento até o beneficiador e a indústria, segundo a pesquisadora, interfere de forma fundamental na reciclagem. "O

tamanho e o peso dos fardos prensados nos quais se transformam o material coletado são determinados pela capacidade de transporte dos veículos", comenta.

A pesquisadora destaca a utilização de ferrovias, como opção para reduzir o custo do transporte. As ferrovias apresentam também como vantagem a capacidade de armazenamento dos vagões dos trens de carga, significativamente maior que a dos caminhões que atualmente se constituem na principal forma de escoamento da sucata coletada nas cidades. Estimular a população a levar o material descartável para os postos de armazenamento já existentes, entre eles os depósitos de ferro velho e cadeia de sucateiros, aponta o estudo, contribuiria para tornar a coleta seletiva menos cara para os municípios.

A pesquisadora acredita que a realização de parcerias entre prefeituras, sucateiros e pessoas que fazem da coleta de material reciclável sua principal atividade, conhecidas como "catadores" ou "carrinheiros", pode organizar e aperfeiçoar o sistema de reci-



Solange Alboreda: modelo atual encarece o sistema

clagem no Brasil.

Com as parcerias, entende Solange, os sucateiros e os "carrinheiros" ficariam responsáveis pela coleta, separação e distribuição do material, tornando desnecessária a instalação de postos de triagem e o direcionamento de servidores municipais para esta finalidade. Em Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre, cidades onde as prefeituras estabeleceram parcerias com sucateiros e com a população, o sistema tem mostrado certa eficiência.

A busca de saídas que aperfeiçoem o armazenamento do material reciclável é indispensável para viabilizar a reciclagem no Brasil, uma vez que as indústrias transformadoras impõem uma série de critérios quantitativos e qualitativos para adquirir o material. A

presença de alguns gramas de areia em uma lata de alumínio, por exemplo, pode tornar inviável sua reciclagem. "Para atingir o nível de qualidade exigido pelas indústrias, a melhoria das condições da coleta e do armazenamento é determinante", destaca Solange.

Apesar de enfrentar problemas que indicam a necessidade de aperfeiçoamento no sistema de coleta e de armazenamento, o Brasil dispõe de índices de reciclagem surpreendentes, semelhantes ou superiores aos de vários países desenvolvidos. Com base no desempenho do segmento no país, Solange considera que a cadeia que envolve a reciclagem a partir da coleta deveria ser subsidiada pela indústria recicladora ou pelos produtores de embalagens descartáveis. (M.C.P.)

REPRODUÇÃO

Bebês de proveta já são 14 no Caism

Novas técnicas foram decisivas no programa de fertilização in vitro da Unicamp

Maria do Carmo Pagani

Vencer a esterilidade e gerar filhos é um desafio aceito por um número crescente de casais dos variados segmentos da sociedade. A demanda registrada nos seis anos do programa de fertilização *in vitro* do Centro de Atenção à Saúde Integral da Mulher (Caism) da Unicamp comprova a disposição de procriar, ainda que para isso seja necessária a intervenção da ciência, demonstrada por casais de vários estados brasileiros que têm procurado a instituição desde 1991, quando a técnica começou a ser desenvolvida na universidade.

O programa, implantado treze anos após o nascimento, em Londres, do primeiro bebê de proveta, a menina Louise Brown, atendeu 150 casais e, em 275 procedimentos, conseguiu garantir, em média, 50 fertilizações anuais que resultaram no nascimento de 14 bebês, cujos casais, se não recorressem à técnica da fertilização *in vitro*, jamais poderiam carregar em seus braços um filho biológico. Os bons resultados do programa, no qual 20% das fertilizações evoluíram para gravidez, média superior aos demais países da América Latina, foram alcançados após adaptações e alterações, algumas delas ditadas pela falta de verbas.

Custo proibitivo — A evolu-

ção, no Caism, da técnica de reprodução que revolucionou a ciência é tema da tese de doutorado "Avaliação do desenvolvimento do programa de fertilização *in vitro* em uma instituição pública - Departamento de Tocoginecologia/Caism/Unicamp", desenvolvida pelo médico José Roberto Erbolato Gabiatti. A pesquisa, que contou com a orientação do professor Anibal Eusébio Faúndes Latham, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, além de se aprofundar no estudo de todos os aspectos do programa, teve também o objetivo de expor a experiência acumulada no sentido de incentivar a implantação de projetos semelhantes em outras instituições públicas.

A técnica é oferecida gratuitamente, hoje também nos hospitais universitários de Ribeirão Preto e da Universidade Federal de Minas Gerais, além do hospital estadual Pérola Byington, em São Paulo. Em algumas clínicas particulares o alto custo do procedimento — entre R\$ 3 mil a R\$ 5 mil —, acaba tornando impraticável para a população de menor renda o acesso ao procedimento.

Para acumular 14 gravidezes em seis anos, explica Gabiatti, o programa teve de passar por três modificações de técnicas de indução à ovulação e dos meios de cultura. "No início tínhamos optado por medicamentos e meios de cultura de menor custo que não garantiram, porém, os resultados descritos na literatura", assinala.



O médico José Roberto Gabiatti, do Caism da Unicamp: avaliação do programa

Por conta disto, a duas primeiras gravidezes decorrentes da técnica só ocorreram em 1993, quando o programa já passava pela segunda alteração e utilizava medicamentos de custos mais elevados e meios de cultura mais aprimorados. Nos anos de 1994 e 1995, com a manutenção do método, mais duas gravidezes foram obtidas. "Mas a taxa de fertilização ainda não acompanhava nossas pretensões", conta o autor da tese.

Novos rumos — Em 1996, com a aquisição de meio de cultura importado dos Estados Unidos, a performance começou a se alterar radicalmente com a obtenção de 10 novas gravidezes em apenas um ano. O estudo demonstra,

segundo Gabiatti, os acertos da equipe que conduz o programa, no sentido de estar atenta a detalhes mínimos e de não hesitar em buscar novos caminhos. Um desses indicadores, considera o autor da tese, foi o avanço progressivo dos resultados a cada alteração feita.

Na avaliação de Gabiatti, apesar das dificuldades o programa de fertilização *in vitro* é uma necessidade, principalmente quando se leva em conta a expansão da laqueadura tubárea entre mulheres em idade fértil e que algum tempo depois da cirurgia se arrependem do procedimento. Entre os 150 casais que procuraram a técnica no Caism desde sua implantação, cerca de 30% se constituem de mulheres que se arrepende-

ram de ter feito laqueadura. "Estatísticas indicam que 40% das mulheres brasileiras em união conjugal e idade entre 15 e 49 anos estão laqueadas", esclarece.

A pesquisa apontou como causa da esterilidade dos casais, também, percentual significativo de problemas de trompas ocasionados por infecções de órgãos internos. As doenças inflamatórias pélvicas, que muitas vezes resultam em esterilidade, diz Gabiatti, podem ser evitadas por meio de ações preventivas que orientem para o uso de preservativos, para o retardamento da atividade sexual e, entre outros, alertem para o tratamento adequado que merecem os problemas de possível evolução para infecções.

PREVENÇÃO

Pré-natal inadequado é fator de óbito fetal

Gestantes de baixa renda desconhecem medidas simples de controle e tratamento preventivos

Pesquisa realizada entre gestantes atendidas no Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, na zona leste de São Paulo, revela que a hipertensão arterial, sífilis, toxoplasmose e diabetes estão entre as causas mais comuns de morte fetal. O resultado mostra-se alarmante por confirmar que as causas mais prevalentes de óbito de fetos, embora comuns nos países em desenvolvimento, continuam sendo passíveis de controle ou tratamento.

O estudo foi realizado pela ginecologista Márcia Maria Auxiliadora de Aquino e os resultados da pesquisa estão na dissertação de mestrado "Causas e fatores associados ao óbito fetal", orientada pelo professor José Guilherme Cecatti, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp.

Prestando assistência a gestantes de baixa renda, Márcia decidiu investigar as causas e fatores de risco associados ao óbito fetal. No Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros não havia um protocolo de pesquisa das causas da morte e, a partir dos dados obtidos, Márcia constatou a importância de elaborar programas de prevenção principalmente em relação à assistência pré-natal.



A ginecologista Márcia de Aquino, que mapeou 75% das causas de morte fetal

"Por dificuldades técnicas ou financeiras, muitas mulheres não têm acesso a uma assistência pré-natal adequada. Se recebessem a atenção necessária para diagnóstico e tratamento de certas condições patológicas, muitos casos de morte fetal poderiam ser evitados", atesta a ginecologista.

Pela pesquisa, em ordem de prevalência, as seis principais causas de óbito fetal detectados por Márcia foram hipertensão arteri-

al, infecções (sífilis, toxoplasmose, infecções inespecíficas e Aids), hemorragias do terceiro trimestre da gestação, insuficiência placentária, mal-formações congênitas e diabetes.

Causas indeterminadas — Embora a porcentagem de causas indeterminadas de óbito fetal seja alta, situando-se entre 12 e 50% mesmo em países desenvolvidos, a médica conseguiu detectar 75%

das causas de morte porque incluiu no protocolo também a necropsia dos recém-nascidos e exame histológico das placentas.

Por falta de financiamento, alguns outros exames importantes — como o estudo citogenético para avaliar anomalias cromossômicas, a cultura de material para pesquisar infecções inespecíficas e a detecção de anticorpos antifosfolípidos em gestantes — deixaram de ser feitos. Caso tivesse

conseguido realizá-los, Márcia acredita que a porcentagem de fatores indeterminados seria ainda menor.

Além de pesquisar a história clínica de 122 gestantes que perderam seus bebês depois da 20ª semana de gestação — antes disso, a literatura médica considera aborto e não óbito fetal — a ginecologista estudou casos de outras 244 mulheres com recém-nascidos vivos para analisar fatores de risco.

Ao comparar as informações sobre as mulheres com óbito fetal e as das mulheres com recém-nascidos vivos, a ginecologista constatou a existência de alguns fatores que aumentam as possibilidades de óbito. O primeiro deles é o descolamento prematuro da placenta. Quando ele ocorreu, o risco relativo de morte fetal foi 22 vezes maior. A sífilis aparece como segundo fator prevalente. As chances de óbito fetal em mulheres com sífilis é 10 vezes maior do que em gestantes que não apresentam a doença.

O pequeno número de consultas pré-natal também é considerado fator de risco. Se a mulher fez menos de quatro consultas durante a gravidez, o risco de morte do feto é cinco vezes maior do que em gestantes que têm acompanhamento mais freqüente. (P.C.N.)

Entrevista: Caio Navarro de Toledo

Reflexos do golpe militar de 1964

Maristela Tesseroli Sano

Quando políticos, sindicalistas, ex-líderes estudantis, artistas, intelectuais e outros participantes ativos dos movimentos sociais e políticos dos anos 60 se encontram com alguns dos mais renomados pesquisadores brasileiros para analisar as razões e o significado do golpe político-militar de 1964, a história social brasileira se enriquece. Porém, se o resultado desse encontro transforma-se num livro, mais do que a historiografia e a ciência política, ganha a

sociedade como um todo. Trata-se de um dos poucos trabalhos a oferecer uma visão crítica e elaborada de um dos períodos mais conturbados e marcantes da história social e política brasileira. Entendendo o período do governo João Goulart como momento privilegiado das lutas sociais e políticas no Brasil, o professor do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, Caio Navarro de Toledo, traça um paralelo entre o cenário pré-64 e o momento político atual. Embora constate avanços, o pesquisador ressalta que a consolidação da democracia política está atrelada a reformas sociais ainda não realizadas.

Jornal da Unicamp — Ainda há resquícios de autoritarismo no quadro político brasileiro, decorridos mais de 30 anos do golpe de Estado que instituiu a ditadura militar no país?

Caio Navarro de Toledo — Eu diria que há sinais evidentes de que a idéia e a prática da democracia política ainda não estão plenamente consolidadas entre nós. Veja, por exemplo, o número abusivo de medidas provisórias utilizadas pelo Executivo, o rolo compressor do Executivo sobre as decisões do Legislativo, o papel subalterno do Congresso no debate sobre as reformas, a não-apuração de freqüentes denúncias de corrupção como a compra de votos na reforma na Constituição, as pressões permanentes sobre o Judiciário, a deslegitimação das oposições políticas e sociais por parte do atual governo, a inexistência de qualquer controle democrático sobre os meios de comunicação de massa, além do papel predominante do poder econômico nas eleições em todos os níveis. A rigor, nossa democracia política ainda está muito longe de expressar ou realizar as necessidades e demandas básicas das grandes maiorias sociais, que estão marginalizadas da efetiva participação política.

JU — A consolidação da democracia política está então atrelada à democracia econômica?

Caio — De certa maneira, sim. Para mim, a democracia política apenas será realizada de forma plena e consistente quando houver uma democracia social e econômica. Enquanto existirem as profundas desigualdades sociais e econômicas que caracterizam nossa sociedade, a democracia política correrá sempre o risco de ter apenas um significado formal e abstrato para a maioria da população. Uma cultura política democrática apenas se enraíza numa sociedade quando se identifica uma correlação entre mudanças sociais e econômicas básicas com o exercício das liberdades políticas. Enquanto isso não acontecer efetivamente no Brasil, equívocos do tipo "com os militares não havia tanta corrupção e vivia-se melhor" podem difundir-se no seio das massas populares, trabalhadoras e em outros setores da sociedade.

JU — Em 1964 o movimento de camponeses estava muito bem articulado. Atualmente, temos o Movimento dos Sem-Terra. As reivindicações continuam sendo as mesmas?

Caio — Por meio de suas mobilizações, o MST está resgatando a questão de justiça social, uma demanda secular no Brasil. A reforma agrária que está sendo pleiteada pelos movimentos populares rurais e urbanos, tanto ontem quanto hoje, tem enorme importância social e econômica. Nos anos 50 e 60, a reforma agrária era justificada pela exigência do desenvolvimento econômico freado, como se dizia na época, pelo latifúndio improdutivo em aliança com o imperia-

"Nossa democracia política está longe de expressar as necessidades básicas das maiorias sociais que estão marginalizadas da participação política"

lismo. Não era, portanto, uma bandeira revolucionária.

JU — Então, não se tratava de socializar a terra como entendiam alguns setores conservadores ao criticarem a postura de João Goulart em prol da reforma agrária?

Caio — Não. Não se tratava absolutamente nem de abolir o direito à propriedade privada nem de impor medidas de caráter socialista como apregoavam os setores conservadores e liberais. Tratava-se, sim, de uma medida necessária para a própria consolidação do capitalismo industrial no país, na medida em que propiciaria uma produção agrícola mais extensa e diversificada, além de contribuir para diminuir as graves tensões sociais existentes no campo brasileiro. Hoje, alguns questionam a relevância da reforma agrária para a economia do país. A questão prioritária, no entanto, não é essa. Trata-se também de uma questão de justiça social. Como as lideranças do Movimento dos Sem-Terra afirmam, por meio da reforma agrária trata-se de lutar pela igualdade social, pela justiça no campo e pelo desenvolvimento econômico. Também não se trata aqui de uma "revolução contra a ordem" mas da realização de uma demanda secular que nossas elites insistem em protelar. Que modernidade é essa onde se negam direitos básicos e elementares inteiramente compatíveis com a democracia burguesa?

JU — Jango tentou implementar reformas sociais e econômicas mas foi barrado pelo golpe. Hoje, há várias reformas administrativas sendo propostas pelo governo e grande parte já

foi aprovada pelo Congresso. Como o senhor analisa esses dois momentos?

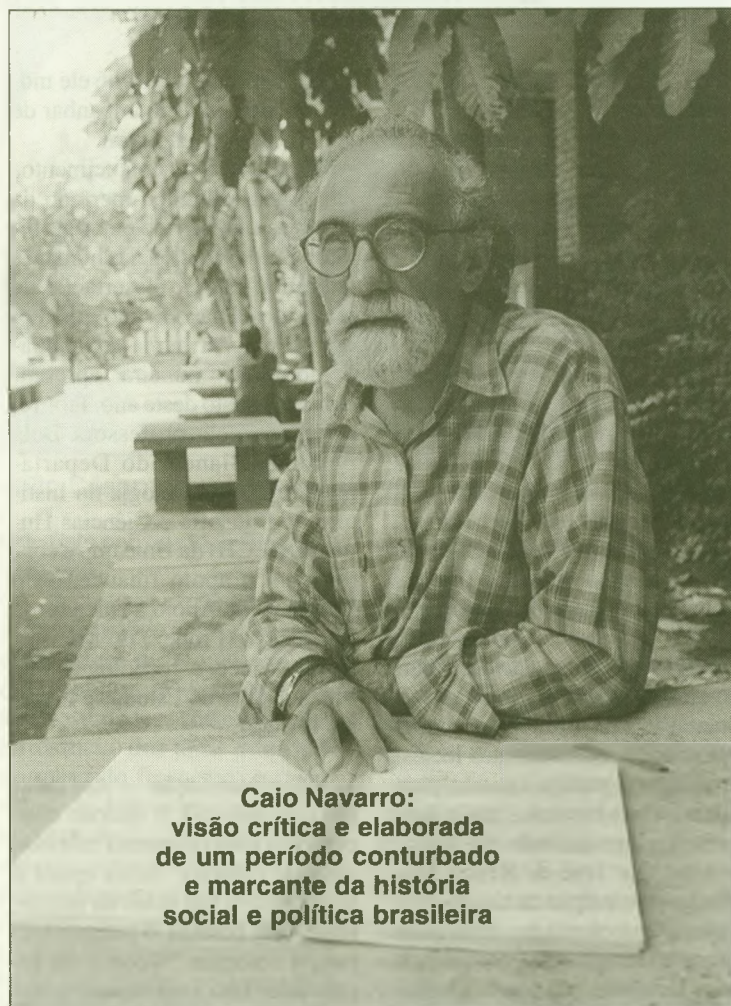
Caio — Em 64, as reformas sociais e econômicas tinham um conteúdo político e social diverso das reformas que são propostas pelo atual governo. Naquele momento, o governo progressista, de natureza populista, estimulava e incentivava as organizações populares e os movimentos sociais dos trabalhadores na luta pelas reformas nacionalistas e democratizantes. Hoje, as reformas proclamadas como modernizadoras pelos ideólogos governamentais têm, na verdade, um caráter estruturalmente regressivo na medida em que visam limitar ou suprimir conquistas históricas alcançadas pelos trabalhadores. Significam também o avanço da desnacionalização, aprofundada a partir do regime militar. Em 64, buscavam-se reformas do capitalismo numa direção democratizante. Hoje, as reformas visam atrelar a economia e a sociedade brasileira ao capitalismo de orientação neoliberal, socialmente desagregador e politicamente de democracia mínima. O Estado mínimo, que se busca implementar para o conjunto dos trabalhadores, no entanto, não deixa de ser forte e máximo para os donos do poder.

JU — O senhor considera viável que um novo golpe seja articulado?

Caio — Não. Na tradição política brasileira, o golpe tem sido articulado por setores da sociedade civil em aliança com as forças militares a fim de impedir o avanço político e social dos "de baixo" — trabalhadores e setores populares. Apesar de o atual governo vir freqüentemente nas mobilizações de projeto e nas reivindicações populares sinais de "baderna", nenhum setor social com expressão importante na cena política entende que a "lei e a ordem" estejam sendo radicalmente questionadas pelas mobilizações populares. É certo que essa visão não é compartilhada pelos ultra da UDR (União Democrática Rural) e da TFP (Tradição, Família e Propriedade).

JU — Nada a temer?

Caio — Embora as elites econômicas e políticas brasileiras nunca tenham tido, em toda a nossa história, maior apreço pela legalidade democrática, acredito que, hoje, mesmo os militares não estariam dispostos a suprimir as liberdades democráticas. Isso não significa que uma cultura política democrática tenha



Caio Navarro: visão crítica e elaborada de um período conturbado e marcante da história social e política brasileira

Livro traz autores ilustres

Tema ainda pouco explorado por historiadores, o golpe de 64 e suas dimensões políticas e ideológicas são amplamente discutidos em *1964: Visões Críticas do Golpe - Democracia e Reformas no Populismo*.

Organizado pelo professor Caio Navarro de Toledo, a publicação traz uma coletânea de textos elaborados especialmente para o seminário "O golpe de 64: 30 anos", realizado em março de 1994 no IFCH, para debater o movimento e seus reflexos na história contemporânea.

Publicado este ano pela Editora da Unicamp, *1964: Visões Críticas do Golpe*, com 168 páginas, oferece ainda um panorama da sociedade brasileira no pré-64. A conjuntura econômica, a luta pelas reformas sociais, a mobilização de trabalhadores urbanos e rurais, o papel dos militares, o fracasso das esquerdas, a participação norte-americana, o conflito Executivo versus Legislativo e os movimentos culturais são alguns dos aspectos

analisados no livro.

Autores ilustres — Além de renomados pesquisadores brasileiros como Argelina C. Figueiredo, Francisco de Oliveira, Jacob Gorender, João Quartim de Moraes, João Roberto Martins Filho, Lucília de Almeida Neves, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Octavio Ianni, Patrícia Trópia e Paul Singer, *1964: Visões Críticas do Golpe* traz texto de Nelson Werneck Sodré, historiador e militar cassado nos dias imediatos ao golpe de 64.

Enriquecendo a coletânea, estão ainda os trabalhos de duas das principais figuras intelectuais de resistência ao regime de 1964, a quem a obra é dedicada: Florestan Fernandes, professor de sociologia da USP, aposentado por força do AI-5, autor de mais de 50 livros, falecido em agosto de 1995, e Ênio Silveira, criador da Revista *Civilização Brasileira*, preso várias vezes pela ditadura militar, falecido em janeiro de 1996. (M.T.S.)

se consolidado entre nós. Simplesmente não há razões objetivas e subjetivas para se apelar a um regime autoritário. Além disso, é também reconhecido que a ditadura militar aprofundou nossas mazelas sociais e que regimes formalmente democráticos não são incompatíveis com a ordem capitalista.

JU — Quais são as lições do golpe?

Caio — Pessoalmente, desejava que os amplos setores da sociedade civil brasileira que participaram ativamente dos eventos de 64, como empresários, setores

da igreja católica, meios de comunicação, intelectuais liberais e conservadores, entre outros, nunca mais apostassem em golpes contra a democracia política. Que as Forças Armadas não mais aceitassem o papel de guarda pretoriana e de força repressiva. São desejos, não certezas. Apenas os combates, presentes e futuros, protagonizados pelos trabalhadores na direção das radicais transformações da economia e da sociedade, permitirão avaliar se uma cultura política e democrática enraizou-se no coração dos setores privilegiados da sociedade civil brasileira.

PODER

Mulheres no comando político

Em distrito mineiro da região de Itajubá mulheres ocupam espaço antes destinado só aos homens

Uma pacata localidade na região montanhosa de Itajubá, sul de Minas Gerais, com cerca de 1.500 habitantes, sustenta um fenômeno que às portas do século 21 pode causar estranheza. O fato é que, através de um pequeno núcleo local, as mulheres estabeleceram um projeto de dominação e conseguiram "feminilizar" a política do distrito. Os homens, por sua vez, isolados do poder, tentam uma reação discreta e sem resultados. A questão toma novas proporções à medida que as "detentoras do poder" local são pessoas que exercem outros tipos de atividades fora do distrito, dando assim a idéia de que a movimentação constitui maior status em relação aos habitantes locais.

Embora pareça assunto para telenovela, a história é real e despertou a curiosidade do antropólogo Igor José de Rennó Machado. A princípio motivado pelo aspecto emocional em saber mais sobre um lugar que por muitos anos serviu de passagem, ele iniciou em 1996 um trabalho de pesquisa sobre o distrito, cujo nome foi omitido por razões éticas. Em aproximadamente oito meses, Igor colheu histórias de vida do povoado a fim de ouvir o que representava de fato "algo importante" para aquelas pessoas. De

agosto a outubro de 1996 ele morou no local para acompanhar de perto o período eleitoral.

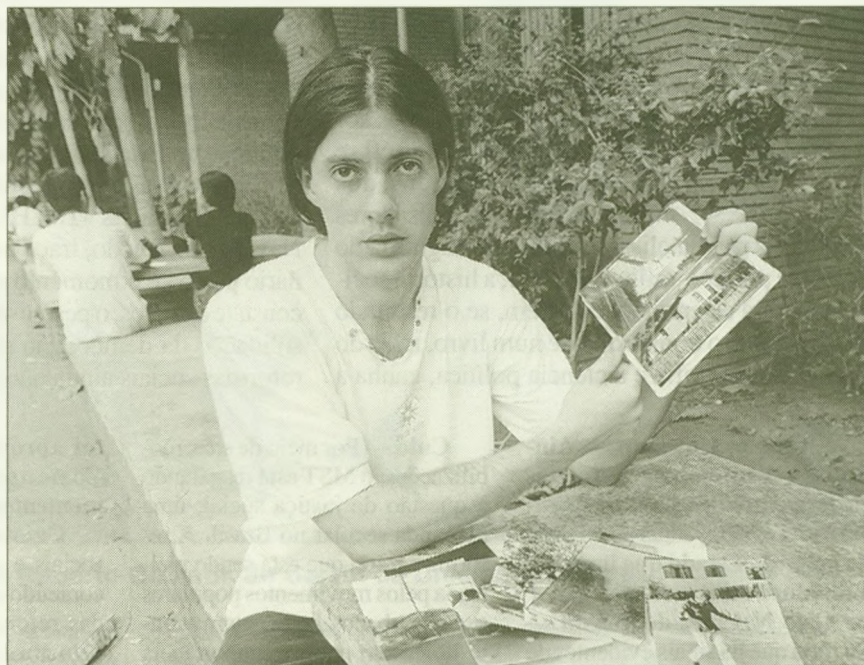
O relato dos acontecimentos registrados durante o período da pesquisa e embasado em vasta bibliografia sobre ciências humanas culminou com a dissertação de mestrado "Dias em movimento: espaço e poder numa comunidade-dormitório mineira" apresentada em agosto deste ano. Igor foi orientado pela professora Bela Feldman-Bianco, do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e contou com o apoio financeiro do Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério de Ciência e Tecnologia e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep).

Movimentação — Até meados dos anos 80, o distrito concentrava uma economia essencialmente cafeeira. Nesta época o poder estava nas mãos de um coronel que possuía o maquinário para a colheita. "Ocorria na localidade, fato semelhante a outros registrados em diferentes pontos do país, ou seja, o domínio era exercido por um "coronelzinho" — uma versão diminuída da idéia comum sobre os coronéis do interior", afirma Igor. As mulheres, por sua vez, eram submissas e comedi-

das. Os maridos davam as ordens e elas obedeciam. Suas atividades eram restritas a cuidar do lar e dos filhos. Em geral, os homens permaneciam fora do município por longos períodos.

Com a falência da cultura do café, provocada por uma forte geada na região, o domínio do coronel foi sensivelmente enfraquecido. A partir daí todo o processo para a reconstrução do "espaço de poder" tomou outra dimensão, explica Igor. Uma das principais características foi a grande movimentação das pessoas. Esse fenômeno ocorre por migrações definitivas ou diárias — típicas de uma "comunidade-dormitório".

Neste cenário foi criado nos anos 70 um comitê de mulheres que funciona como uma espécie de subprefeitura. Solteiras e com idades entre 40 e 50 anos, elas se destacam por suas atividades junto às mulheres da "gente pequena" (como são chamados os agricultores e habitantes do local) e assumem o cenário político local. Mas não é só a questão política



Igor: mulheres assumem o poder que era de domínio dos coronéis

que elas dominam. Lideram também outros campos sociais, como o espaço da igreja, por exemplo. Para se ter uma idéia, quando há na localidade algum problema como falta d'água ou asfalto, elas se organizam e reivindicam junto à prefeitura a solução do problema. "A aceitação pública é tão forte que elas conseguem sanar problemas que um vereador e um subprefeito não resolveram ao longo dos anos", diz Igor.

O antropólogo explica em sua tese que a circulação das pessoas

em torno de um lugar geográfico específico legitima a dominação de alguns sobre os demais. Esse fenômeno é de certa forma comum em alguns municípios brasileiros onde a movimentação "cria um universo que estabelece diferenças sociais e de status entre os habitantes locais". Ele demonstrou também que as mulheres, por ocuparem um espaço fora do distrito, anteriormente um nicho essencialmente masculino, tornaram possível reverter a hierarquia de gênero. (R.C.S.)

COMPORTAMENTO

Estudo revela prática amorosa no século 19

Expressões de época levam a etnografia das relações

A emancipação feminina trouxe caminhos antes não trilhados pelas mulheres. Embora nem sempre a história reproduza a história, algumas mulheres do século passado já assumiam papéis sociais semelhantes aos verificados hoje. Usavam de vulnerabilidade, vitimização, passividade ou iniciativa nos discursos para conseguir seus objetivos. Esta é uma constatação da dissertação de mestrado "Adoráveis e dissimuladas: um estudo das práticas amorosas das mulheres das camadas populares (1870-1910)", apresentada pela professora Cristina Donza Cancela sob orientação da antropóloga Mariza Corrêa. A pesquisa ocorreu no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e analisou o namoro do fim do século 19, em Belém do Pará.

"Através de peças jurídicas, muitas delas rasgadas, amareladas e incompletas, podemos conhecer o drama de amor de meninas pobres que tiveram seus relacionamentos expostos nas chefaturas de polícia, porque na maioria das vezes viviam um

namoro sem o conhecimento da família", explica Cristina. "Quando menos esperavam, as menores viam estampadas as suas relações em periódicos locais ou no órgão de segurança, por carta anônima ou mediante a delação de algum parente ou conhecido".

Por outro lado, ao procurar continuar a relação rompida pelo namorado, agora acusado, as próprias menores astuciosamente usavam o discurso jurídico em suas queixas, embora outras se recusassem a fazê-lo a despeito das conseqüências. As meninas usavam expressões de época que permitiram Cristina traçar uma espécie de etnografia dos relacionamentos, isto é, um perfil dos valores culturais naquele contexto.

Perfil cultural — As menores do estudo tinham idade entre 14 e 18 anos, faziam serviços domésticos, menos da metade sabia ler e escrever, sendo a maioria de cor parda. Os homens tinham entre 20 e 29 anos, eram paraenses, nordestinos e portugueses. A maioria estava na mesma situação social das menores e trabalhava como jornaleiros, comer-

ciários, lavradores e vendedores. Mais da metade deles sabia ler e escrever, não relatando a sua cor.

O namoro iniciava quando a menina tinha 14 ou 15 anos. O envolvimento sexual acontecia em curto espaço de tempo. "Essas menores estavam longe da imagem da boa moça esperada pela jurisprudência, dificilmente conseguindo fazer com que o júri aceitasse a tese de sedução ou de relação sexual pela promessa de casamento, condição básica para que o processo fosse julgado procedente", diz Cristina. Para ser considerada uma mulher honesta, a menina devia proceder de família bem estruturada e não ser moça namoradeira, não podia andar sozinha ou ir a festas, nem ter companhias de caráter duvidoso.

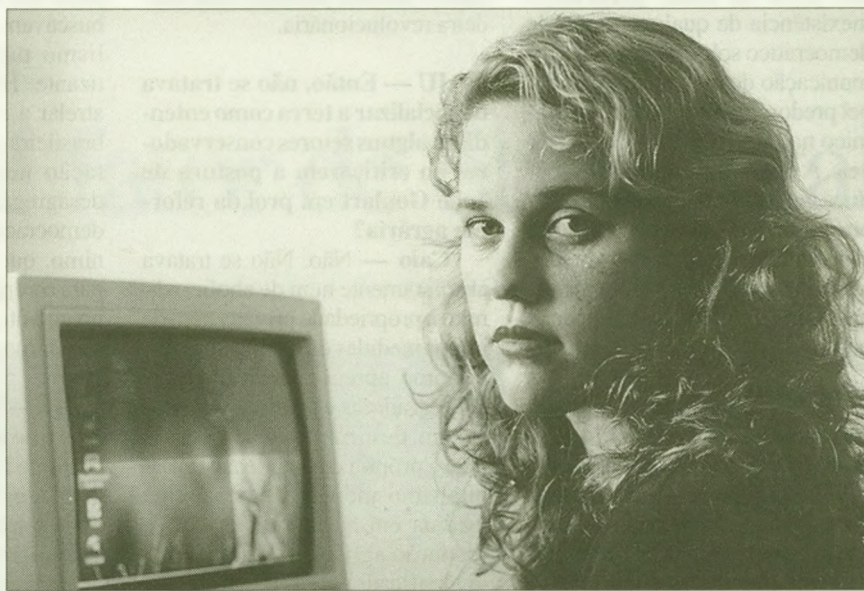
Naquele período, primeiros anos da República, a justiça buscou formar uma nova sensibilidade, legitimando comportamentos que deveriam ser provados principalmente pelas camadas populares. Daí a necessidade de punir os crimes de

defloramento que destruíam uma família e impediam o início de uma nova família pelo modelo institucional. "Os ladrões da honra alheia deviam ser punidos", comenta a pesquisadora. O código penal tornou-se então mais rigoroso, aumentando de 17 para 21 anos a idade da menina para ser considerada menor e abrir queixa contra o defloramento.

Autos e processos — Quando a família começava a pressionar para que houvesse casamento após o defloramento, abria-se uma queixa-crime na tentativa de recompor um dano perdido, fosse por pagamento de uma pena em dinheiro ou oficialização do casamento, de acordo com o artigo 268 do código penal republicano. Comprovado o defloramento de mulher virgem e honesta, com me-

nos de 21 anos, o ofensor era levado à cadeia por até quatro anos.

A pesquisadora utilizou como fonte 70 autos de defloramento e 75 processos-crimes do Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Pará, dividindo o estudo em quatro partes. Na primeira foram reconstituídos os cenários onde os dramas de amor se desenrolaram. Na segunda a pesquisadora percorreu uma etnografia dos relacionamentos. Na terceira destacou o discurso dos acusados das peças jurídicas e das longas cartas de amor anexadas aos processos. Na quarta salientou os processos em que ofendidos e acusados passavam a viver juntos — relacionamento que continua sendo a regra nas camadas populares, ganhando hoje mais adeptos, sobretudo na classe média brasileira. (I.G.)



Cristina: "Longe da imagem esperada pela jurisprudência"

PESQUISA

Fatores da evasão são mapeados em tese

Maioria dos alunos quer uma formação que não se restrinja a seu campo de atuação

Paulo César Nascimento

Ao mapear para sua pesquisa de mestrado o processo de concepção e desenvolvimento do trabalho científico na Unicamp, a antropóloga Lea Carvalho Rodrigues acabou encontrando pistas para elucidar os principais motivos da evasão universitária, fenômeno que, ao lado da repetência e da flutuação de alunos, é um dos temas que mais preocupam os profissionais dedicados à avaliação das universidades brasileiras.

Autora do estudo "Da sala de aula à defesa de tese — processo, ritualização e legitimação do conhecimento. Uma etnografia na Unicamp", a especialista pesquisou durante dois anos as relações que permeiam a vida universitária, desde o curso de graduação até a defesa de tese. O trabalho foi orientado pela professora Maria Suely Kofes, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp e acaba de ser lançado em livro sob o título *Rituais na Universidade* (CMU Publicações).

Depois de entrevistar alunos e professores, assistir a aulas e defesas de teses nas áreas de humanas, biológicas e exatas, Lea concluiu que para compreender o fenômeno da evasão na Unicamp — que, não obstante, é possivelmente a mais baixa entre as universidades públicas brasileiras — deve-se

considerar também as relações que se estabelecem na sala de aula durante o curso de graduação. A postura de professores e alunos, o trato com os conteúdos de ensino e o estilo das aulas contribuem para o interesse ou desestímulo dos universitários frente à disciplina, ao curso e à própria universidade.

Lea toma como exemplo algumas disciplinas do curso básico, onde se dá o maior índice de evasão. Segundo ela, durante o curso básico predominam as aulas expositivas, com participação relativa do corpo discente, onde é comum o professor se posicionar na lousa, escrevendo e fornecendo explicações, enquanto os alunos apenas fazem as anotações. Ao entrevistar os estudantes, Lea constatou que a distância na relação professor-aluno realmente contribui para o desinteresse pelos cursos e, conseqüentemente, para a evasão.

A pesquisadora lembra, no entanto, que as pistas para diminuir o índice de evasão podem estar nas respostas dadas pelos próprios alunos quando questionados sobre os pontos positivos da Universidade. Eles destacaram a infraestrutura oferecida, a qualificação do corpo docente, a imagem da instituição, as oportunidades que oferece em termos de sociabilidade e aprendizado profissional, o incentivo à participação

em pesquisa e, principalmente, o sistema de créditos que permite ao aluno adequar o curso às suas atividades e necessida-



Lea: entrevistas com alunos e professores de todas as áreas da Unicamp

des de formação.

Interdisciplinaridade — A questão da interdisciplinaridade foi outro ponto relevante presente na pesquisa de Lea. Ela constatou que boa parte dos alunos mostra-se preocupada em obter uma formação mais abrangente, que não se restrinja a seu campo de atuação.

Alunos das engenharias, preocupados com o mercado de trabalho, mostraram estar cientes das novas condições e exigências da carreira que pretendem abraçar. "Mas esta posição não é restrita aos alunos de exatas. Pode-se dizer que há uma tendência crescente dos universitários em buscar uma formação mais ampla, já que muitos percebem a necessidade de articulação entre áreas", afirma a antropóloga.

Em relação às defesas de tese, Lea observa que fazem parte de um processo que com-

prende o período da graduação, quando o estudante tem as primeiras possibilidades de contato com a pesquisa acadêmica que podem, inclusive, levá-lo a optar pela carreira universitária. Normalmente, essa escolha não ocorre após a graduação mas inicia-se no seu transcurso.

Além disso, com a dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, Lea observa que muitos alunos vêem a pós-graduação como alternativa de trabalho ou como continuidade da formação enquanto aguardam

uma oportunidade profissional mais concreta. O interesse crescente dos alunos em participar de atividades de pesquisa já no início da graduação é outro fato importante registrado pela pesquisa.

Depois de defender a tese, a antropóloga espera que as questões apontadas em sua dissertação possam fornecer subsídios para repensar a própria instituição, já que para ela, a constante reflexão acadêmica sobre a universidade é uma das melhores formas de fortalecer as escolas de ensino superior no país.



UM MUNDO DE DELÍCIAS

- PÃO FRANCÊS - \$ 0.10
- BAGUETES
- BAGUETES RECHEADAS - 13 tipos
- CIABATTA - o delicioso pão da Lombardia
- PÃO ITALIANO - com fermentação natural
- MAXI-PÃO INTEGRAL - para o seu sanduiche natural
- PÃO DE AVEIA - nossa receita
- PÃO DE CENOURA - nossa receita
- PÃO DE CANELA - nossa receita
- FESTIVAL DE CROISSANTS - a partir de \$ 0.45

LANCHONETE - COM LANCHES EXCLUSIVOS DA PADARIA ALEMÃ

Av. Dr. Romeu Tórtima - 285
Distrito de Barão Geraldo - fone 239.2581

O OBJETIVO TRANSFORMANDO SEU FUTURO

Preços melhores para 98

| | | manhã | tarde |
|------------------|-------------|------------|------------|
| Pré-escola | matrícula | 138,00 | 138,00 |
| | mensalidade | 12x 189,00 | 12x 189,00 |
| 1ª a 4ª séries | matrícula | 181,00 | 155,00 |
| | mensalidade | 12x 315,00 | 12x 309,00 |
| 5ª a 8ª séries | matrícula | 213,00 | 195,00 |
| | mensalidade | 12x 369,00 | 12x 320,00 |
| 1º e 2º colegial | matrícula | 228,00 | 198,00 |
| | mensalidade | 12x 399,00 | 12x 321,00 |
| 3º colegial | matrícula | 243,00 | 198,00 |
| | mensalidade | 12x 409,00 | 12x 329,00 |

PRÉ-ESCOLA • 1º e 2º graus
matrículas abertas
central de matrículas - 239.5822

centro educacional
OBJETIVO
barão geraldo

DIREITOS DO CONSUMIDOR

Alimentos têm pouca reclamação no Procon

Pesquisa da FEA constata que problemas com alimentação representam apenas 0,2% das queixas registradas pelo órgão

Raquel do Carmo Santos

Qual é o alimento que faz bem à sua saúde? Certamente esta pergunta, feita de sobressalto, não é fácil de responder. Se depender das embalagens, fica ainda mais difícil, pois são muitos os produtos "rotulados" como ricos em proteínas e nutrientes. Os consumidores, por sua vez, perdidos e diante da falta de uma política mais agressiva de esclarecimento de seus direitos, acabam não se valendo adequadamente dos órgãos de proteção ao consumidor e vigilância sanitária, que poderiam protegê-lo, por exemplo, da má qualidade e da ausência das especificações obrigatórias.

As observações são da doutora em sócio-economia do desenvolvimento e engenheira de alimentos Elisabete Salay, professora do Departamento de Nutrição e Planejamento Alimentar da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA) da Unicamp. Intrigada com a questão do consumidor, ela levantou os fatos através de uma pesquisa inédita

realizada este ano, junto à Coordenadoria de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon) de Campinas. Para o trabalho, Elisabete contou com a colaboração da pós-graduanda da FEA Carla Maria Vieira e da empresa-júnior Grupo de Estudos e Projetos em Engenharia de Alimentos (Gepea). Foram entrevistadas 566 pessoas que procuraram pelo serviço no período de abril a junho deste ano.

A pesquisa identificou que apenas 0,2% das reclamações atendidas por esse serviço estavam relacionadas a alimentos, enquanto que as denúncias de aquisição de produtos irregulares (eletrodomésticos, móveis e outros) somaram 31,5%. Outro estudo aplicado na Vigilância Sanitária, órgão municipal da cidade, apurou que somente 202 denúncias sobre alimentos foram registradas durante o ano de 1996. Esses dados compõem um amplo programa de pesquisa com o objetivo de verificar de que forma os órgãos públicos e privados influenciam ou devem influenciar na qualidade dos alimentos.

Também será inserida no programa a análise do Instituto

de Defesa do Consumidor (Idec), organização civil que realiza testes em alimentos. Outro aspecto, conforme explica a pesquisadora, seria a tendência atual das indústrias brasileiras de alimentos em implantar serviço de atendimento ao consumidor (SAC), para sanar as dúvidas ou receber reclamações com relação aos seus produtos. "Isto faz com que o consumidor prefira levar o problema diretamente à indústria, ao invés de procurar os órgãos públicos ou entidades civis", esclarece.

Outros dados — Durante o trabalho ficou constatado que a proporção de homens e mulheres que recorrem ao Procon é praticamente a mesma: 48,2% mulheres e 51,8% homens. A pesquisa também identificou que a grande maioria possui o segundo grau completo (33%) e trata-se de indivíduos com renda familiar entre 8 e 14,9 salários mínimos (32,5%). Os entrevistados com curso superior completo constituem um universo de 18,5%; cerca de 1,2% têm pós-graduação. Já as pessoas que ganham entre 1 e 3,9 salários mínimos somam



Elisabete: consumidores não se valem de seus direitos

12,7% e os que percebem mais de 30 salários mínimos, são 7,5%.

De acordo com Elisabete, comparando-se a porcentagem dos indivíduos com renda entre 8 e 14,9 salários mínimos, nota-se que a população de baixa renda, embora utilize o serviço, o faz em menor proporção. No caso da Vigilância Sanitária, as denún-

cias são realizadas pelo telefone 156. Ao órgão compete multar, advertir e orientar os estabelecimentos autuados. Em 1996 o serviço recebeu 338 reclamações relacionadas a estabelecimentos, como restaurantes, lanchonetes e outros. Em geral as queixas mais comuns são sobre as condições higiênicas e sanitárias dos locais.

lançam Entos



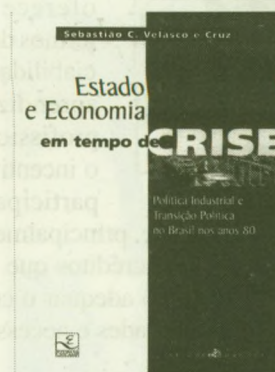
VIDA E ARTE
Memórias de Lélia Abramo
R\$ 27,00



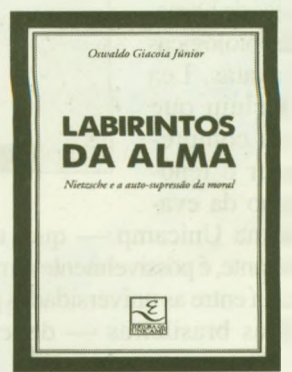
MASCARADA
Carlos Vogt
R\$ 16,00



OS OBJETOS FRÁGEIS
Pierre-Gilles de Gennes
Jacques Badoz
R\$ 27,00



ESTADO E ECONOMIA EM TEMPO DE CRISE
Política Industrial e Transição Política no Brasil nos anos 80
Sebastião C. Velasco e Cruz
R\$ 20,00



LABIRINTOS DA ALMA
Nietzsche e a auto-supressão da moral
Oswaldo Giacoia Júnior
R\$ 16,00



CIDADÃOS MODERNOS
Discurso e Representação Política
Mônica Zoppi-Fontana
R\$ 21,30



CULTURA
Educação Física e Futebol
Jocimar Daolio
R\$ 15,00

Para receber qualquer um destes lançamentos, preencha o cupom abaixo e remeta pelo correio para EDITORA DA UNICAMP - Campus Unicamp - Caixa Postal 6074 - CEP 13083-970 - Campinas - SP, juntamente com cheque nominal à Funcamp, cruzado, no valor do pedido.

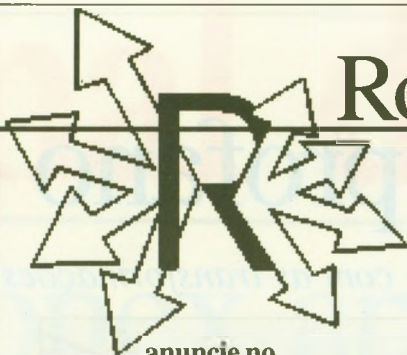
Nome _____ nº _____
Endereço _____
Apto. _____ Bairro _____
CEP _____ Cidade _____
Estou enviando cheque em favor da Funcamp - Fundação de Desenvolvimento da Unicamp, cruzado, no valor de R\$ _____ relativo à(s) obras(s) _____ referência _____
Data ____/____/____ Assinatura _____



se este espaço não for suficiente para o seu pedido, use uma folha qualquer.

Encontre nas melhores livrarias do País ou pelos telefones (019) 788.2170 e 788.2173 na Editora da Unicamp
Internet-<http://www.editoras.com/unicamp/>

Roteiro de Oportunidades



Fotos p/ documentos em 5 minutos
Revelação Kodak Filmes

Fone (019) 239-0991

FOTOCAMP
R. Dr. José Anderson 435-A (ao lado do Banco Real)

anuncie no Roteiro de Oportunidades
Mídia de baixo custo para atingir um público-alvo de alta qualificação: a "população" Unicamp, estimada em 35 mil pessoas.

Moda
Feminina - Masculina - Íntima - Calçados
Tudo em 3x.
Av. Roxo Moreira 1790 - Cid. Universitária
Ao lado da Reitoria - Fone (019) 239-0999

Loja FiscoP

Conheça também a seção (anexa)
TUDO POR 1,99
Papeleria - Utilidades - Presentes - Brinquedos

E agora com a seção
TUDO por até 9,99
Roupas e calçados
R. Dr. José Anderson 435 - Ao lado do B. Real
Fone (019) 239-1533

Motta tem a chave pra deixar bem segura a sua casa e tudo que está lá dentro.
Os melhores planos de Seguro Residencial. Consulte.

MOTTA SEGUROS Orçamento com as melhores companhias do mercado
Fone/Fax (019) 239-4897

27 anos de habilitação profissional
AUTOMÓVEL RESIDÊNCIA EMPRESA VIDA SAÚDE CONDOMÍNIO
Galeria Flamboyant, loja 12 - Barão Geraldo

CONVÊNIO UNICAMP
Você entrega/retira os filmes no STU às 2as., 4as. e 6as.
Revelação com qualidade e cores profissionais, sem pagar mais por isso: filme 12 - R\$ 4,75; 24 - R\$ 8,59; 36 - R\$ 12,43.

FOTO FERRARI
Conheça nossas lojas no Convívio e Shopping Unimart. Excelentes promoções e facilidades de pagamento. Os melhores produtos e a Revelação 1 Hora

Fone (019) 231-5877

Galeria Flamboyant Loja 16

Wrangler
é na **MONTE**
E TAMBÉM A MODA INDIANA

Fone (019) 239-9684
Av. Albino J. B. Oliveira 830 Barão Geraldo

BUFFET UNIÃO 78 anos de Tradição

Salão Próprio, para até 2.000 pessoas

Orçamentos: (019) 231-5956 - 231-7815

Salão para Colação ou serviço completo em jantar ou coquetel de casamento, formatura, etc.
CONVITE, BECAS, FLORES, CANUDOS, SOM, FOTOS, FILMAGENS
Rua Abolição 1.580 - Ponte Preta - Campinas - Próx. ao Hipermerc. Extra

Valise Jde cronópio SEBO & BRECHÓ

Saia do Lugar Comum. Compre um Presente Original e Pague Somente em Janeiro.

- Livros • CD's • Sapatos • Vestidos
- Móveis e Tapetes mineiros

Av. Santa Isabel 246 Barão Geraldo
Fone 239-0028

Serviço Completo ou Venda a Varejo
Orçamento sem compromisso Ligue para (019) 239-0404

Mais qualidade em toda a variedade de carnes para tornar o seu churrasco mais gostoso.

ESPETINHOS CAMPINAS
R. Maria Ferreira Antunes 133 (cruza a estrada da Rhodia na altura do nº 2.000)

COMEMORAÇÕES - FORMATURAS - CASAMENTOS

Prato Bello

Self Service por quilo: Almoço, Tortas, Sorvete
Salgados para festas
Servimos Coffee Break no seu evento

R. Roxo Moreira 1830 Cidade Universitária
A 50 m da Reitoria Fone (019) 239-0084

Camp Chaves Cópias de todos os modelos

CHAVEIRO

24 HORAS
Fone 239-0892
Rua Dr. José Anderson 435 - Próx. ao HC

INFORMÁTICA CARUSO TecNisys

PENTIUM 166 MMX 1.200,00

PENTIUM 200 MHZ/MMX 1.300,00

FAX MODEN 56000 250,00

Loja 1 - R. Luiza de Gusmão 477 V. Nogueira - Campinas - F. (019) 255-1170
Loja 2 - Av. Dr. Romeu Tórtima 413 Barão Geraldo - Campinas
Telefax: (019) 239-2734

PROMOÇÃO FOME DE LEÃO.
TODOS OS TIPOS PREÇO ÚNICO R\$ 12,90
+ TAXA DE ENTREGA

Pizza Fiori
FORNO A LENHA
© 239-3514

La Villette A MODA TOTAL

Boas festas!

Para o Natal, preços imperdíveis. Apareça.

F. 239-0091
Galeria Flamboyant
Piso térreo - B. Geraldo

CIMBAC COM. IND. LTDA.

BLOCOS DE CONCRETO, MUROS PRÉ-MOLDADOS, ALAMBRADOS
Mão-de-obra especializada

Av. Sta Izabel 737 - B. Geraldo - F. (019) 239-3876

JORNAL DA UNICAMP
fone (019) 239 3134
Anuncie

Imobiliária Cidade Universitária

LOCAÇÃO - VENDAS - ADMINISTRAÇÃO

Av. Dr. Romeu Tórtima 624 - Telefax: 239-3322
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas

MÚSICA

Do sagrado ao profano

História das bandas musicais de Campinas se confunde com as transformações da cidade

Antônio Roberto Fava

No final do século passado Campinas foi uma das mais pródigas cidades do Estado na formação de bandas de música. Com mais de trinta corporações, as bandas representavam diferentes segmentos da sociedade que podiam ir dos grupos étnicos aos sociais.

Em sua dissertação de mestrado "Bandas de música e cotidiano urbano", apresentada no Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH-Unicamp), sob a orientação da professora Suely Kofes, a antropóloga Luisa de Freitas Duarte do Páteo revela que a trajetória das bandas musicais estava intimamente ligada à história das transformações de Campinas.

Conforme a cidade se urbanizava e expandia a iluminação de suas ruas, de par com a inauguração da linha ferroviária que ligava Campinas a Jundiaí, em 1872, o cotidiano urbano adquiria novo ritmo social e cultural. "As opções de lazer e cultura se diversificam, e as bandas passam a fazer parte desse novo cenário, que ajuda a construí-lo, imprimindo um novo ritmo social e musical nas ruas", explica Luisa.

A importância da função das



Luisa diante do coreto da Praça Carlos Gomes, em Campinas: história e entretenimento

bandas de Campinas naquela época não se limitava apenas à promoção de entretenimento. A banda dos escravos, por exemplo, ao contrário do que podia se esperar, além proporcionar lazer e divertimento, era também símbolo de prestígio para os fazendeiros que a possuíam. A partir de 1870 Campinas iniciou um processo de urbanização, principalmente na região central da cidade, tornando-se necessária a constituição de um espaço público de convívio social.

Um dos primeiros passos nesse sentido foi a instalação da iluminação pública a gás, inaugurada em 1875, com um gásômetro importado da Europa. "Por essa ocasião promoveu-se uma grande festa ao som de bandas de música, que com o decorrer dos anos tornou-se um elemento fundamental no cotidiano urbano da cidade", diz a antropóloga.

Lugar público — Para a pesquisadora não havia uma

tipologia única que caracterizasse as bandas da época, mas uma variedade delas expressava seus diferentes agentes musicais. Existiam as bandas dos escravos, formada por iniciativa dos fazendeiros ricos da região, como a Banda da Fazenda Santa Maria, as bandas dos filhos da elite, Banda do Mato Dentro, e dos comerciantes, como a Euterpe Comercial. Havia também as agremiações formadas por etnias, como a Banda Alemã, Banda Romana, Banda Luiz de Camões e a Banda dos

Homens de Cor.

Essas agremiações percorriam vários territórios como nenhum outro agente cultural da época: estavam presentes em inaugurações, homenagens, festas políticas e religiosas, bailes, e sessões de cinema. No Teatro São Carlos recepcionavam o público, tocavam nos entreatos das peças teatrais, apresentavam-se em clubes, em quintais de residências para animar e ritualizar as festas familiares, batizados, aniversários e casamentos. Com frequência eram requisitadas para tocar em procissões, quermesses e festas religiosas, e, no carnaval, ditavam o ritmo dos foliões.

"A banda, como elemento de lazer e entretenimento, percorria com facilidade o espaço público e o privado, o terreno do sagrado e do profano", diz Luisa. Quando as ruas e as praças começavam a se urbanizar, o espaço público ganhava força, novas relações de sociabilidade e novos hábitos e tipos de comportamento iam se formando, e as bandas de música, através de sua performance musical no cotidiano, contribuíam para que se definisse uma nova espécie de vida na cidade. "A praça, o *footing*, os olhares cheios de sedução, o simples caminhar pelas calçadas, a música da banda, se transformaram num ritual urbano, num espetáculo de vivência e convivência humanas", ressalta a pesquisadora.

FENÔMENO SOCIAL

Estudo analisa relação entre lazer e velhice

Falta de recursos não impossibilita momentos de entretenimento

Amarildo Carnicel

Velhice e aposentadoria são etapas no ciclo da vida que muitas vezes se confundem. É quase impossível fazer abordagens em separado. Entretanto, quando se pensa em aposentadoria pressupõe-se uma fase da vida em que o indivíduo, após longos anos de trabalho, passa a desfrutar de um descanso remunerado que permita, entre outras atividades, momentos de lazer e descontração. Dados da Previdência Social dão conta de que 72% dos aposentados recebem o equivalente a um salário mínimo. Que tipo de lazer pode desfrutar esse segmento da sociedade considerando que os vencimentos, em geral, não cobrem sequer as necessidades básicas?

Para compreender melhor o que significa o lazer na vida do aposentado a professora Kátia Cristina Calegari elaborou a dissertação de mestrado "Lazer e aposentadoria: relações e significados", defendida recentemente

na Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp. Orientada pela professora Heloisa Turini Bruhns, Kátia realizou um estudo de caso na Associação dos Aposentados de Campinas e Região (AACR). O trabalho foi desenvolvido partindo do pressuposto de que a velhice se caracteriza como um fenômeno social, cultural e histórico, considerando as diferentes formas pelas quais o processo de envelhecimento é concebido e vivido.

Descanso remunerado — Os primeiros trabalhos com terceira idade desenvolvidos por Kátia ocorreram ainda na graduação, quando era aluna na Universidade Federal de Uberlândia. Inquietações a respeito da relação, velhice e lazer alimentavam o projeto desenvolvido basicamente com mulheres idosas, aposentadas e pensionistas. Com base nesse trabalho, Kátia procurou dar continuidade aos seus estudos, buscando nos relatos e experiências de pessoas idosas e de aposentadas informações sobre o suposto lazer decorrente do descanso remunerado após anos

de trabalho, especificamente a compreensão da relação entre lazer e aposentadoria.

Para realizar sua pesquisa Kátia entrevistou cinco mulheres e quatro homens aposentados com idade entre 64 e 77 anos, associados à AACR. Os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa foram estabelecidos em viagens promovidas pela instituição através de seu departamento de turismo. "Procurei estabelecer uma proximidade e desenvolver uma relação de amizade e confiança", diz.

A experiência de vida dos entrevistados permite buscar o entendimento do que representa para eles a relação lazer-aposentadoria. "Percebi, num primeiro momento, que a palavra lazer assume uma pluralidade de significados". A pesquisadora buscou na experiência dos entrevistados, através de suas falas e atitudes, a concepção e o significado de lazer em suas vidas.

Kátia lembra que indivíduos aposentados, pela própria situação sócio-econômica, não têm acesso a determinados bens da indústria cultural. Isso pode gerar a falsa idéia de que esses su-



Kátia na sede da AACR: concepção e significado de lazer

jeitos quase não têm acesso ao lazer ou mesmo que sua participação nessa esfera é pobre. A partir daí é preciso, então, repensar a atividade de lazer na aposentadoria. "É possível viver momentos de lazer sem ter que despender grandes quantias de dinheiro".

Esses sujeitos, de acordo com suas necessidades, exercem uma infinidade de experiências na esfera do lazer. Participar de bingos, de quermesses, jogar damas e dominó, ir a festas, ao cinema e ao teatro, participar de

excursões promovidas por entidades e assistir televisão, muitas vezes satisfazem a necessidade. Atividades aparentemente simples como reuniões de família, cultivo de horta e regar plantas pode se constituir para essas pessoas uma realização de vida", afirma a pesquisadora. Na compreensão dessa relação, percebe-se que o sentido de lazer na vida dos sujeitos aposentados manifesta-se através do significado que esta vivência, independentemente da atividade realizada, assume em sua vida.